

## **Liberdade e valor: uma cartografia da onto-ética sartriana\***

**Freedom and value: a cartography of the Sartrian Onto-Ethics**

**Thúlio Luis Ferreira\*\***

### **Resumo**

Jean-Paul Sartre, influenciado pela fenomenologia de Husserl, concebe a consciência como um nada, uma intencionalidade de fluidez em direção ao mundo. O Para si é essa consciência que visa algo fora de si. Assim, a emergência do homem - Para-Si - como liberdade absoluta coincide com a emergência dos valores que, por sua vez, o responsabiliza na vida consigo mesmo e com toda a humanidade. O Em-si, por sua vez, é a matéria fechada, acabada, dotada de identidade. Advogamos que Sartre, ainda que não tenha escrito uma obra sobre ética, em todo o seu *corpus* filosófico nutre aspectos éticos. Nossa empresa versa sobre um mapeamento de tais aspectos.

**Palavras-chave:** Liberdade; Valores; Onto-ética; Sartre.

---

\* Artigo recebido em 01/03/2018 e aprovado para publicação em 28/06/2018.

\*\* Licenciado em Filosofia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino. Pós-graduando em Filosofia Contemporânea no IEC, da PUC/Minas. Mestrando em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. E-mail.: thuliosamonte@hotmail.com.

## **Abstract**

Jean-Paul Sartre, influenced by the Husserl's phenomenology, conceives the conscience like a "nothing", an intentionality of "flowing" in direction to the world. The For-Itself is this conscience that aims at something outside of Itself. The For-Itself is this conscience that aims anything outside of self. Like this, the emergence of man- For-itself- like absolute freedom coincides with the emergence of the values that, in its turn, "blame" him in the life with himself and with all the humanity. The In-Itself, in its turn, is the closed matter, finished, endowed with identity. We advocate that Sartre, even though he has not written a work about ethic in your corpus philosophic, nourishes ethic aspects. In this way, our paper seeks to construct a mapping about these aspects.

**Keywords:** Freedom; Values; Onto-ethic; Sartre.

### **1. Apresentação**

Este texto pretende discutir sobre a ética sartriana. Para isso dividimos esse artigo, didaticamente, em quatro tópicos. No primeiro, apresentaremos a estrutura do para-si e em-si. No segundo relacionaremos o para-si e a liberdade aos termos que recorrem dessa relação, a saber, valor, responsabilidade, angústia e má-fé. No terceiro apresentaremos paradigmas éticos em contraste aos de Sartre. Derradeiramente, serão realizadas algumas considerações gerais e interpretativas sobre a ética sartriana.

### **2. Os modos de ser Em-si e Para-si**

Jean-Paul Sartre, influenciado pela tradição filosófica moderna e contemporânea, bem como por seu contexto histórico, como as consequências da Segunda Guerra mundial, tornou-se no século XX um filósofo da preeminência da existência, onde a liberdade tem primazia. Considerado o primeiro fenomenólogo francês, desenvolveu o "existencialismo" expresso em sua filosofia, literatura e práxis política.

Através da fenomenologia husserliana, Sartre concebe que toda consciência é "consciência de alguma coisa" (SARTRE, 2005, p. 22), um movimento de intencionalidade transcendente sempre em direção àquilo que ela visa. Ela, a consciência, é o nada, vazia de conteúdo em seu interior.

Persuadido disso, o filósofo declara que a gênese da filosofia deve ser a de "(...) expulsar as coisas da consciência e reestabelecer a verdadeira relação entre esta e o mundo, a saber, a consciência como consciência posicional do mundo" (SARTRE, 2005, p. 22). Se toda consciência é um fluir contínuo para a realidade, logo, sem mundo, não haveria consciência. Aqui, nos deparamos com a influência de Heidegger que afirmou que um dos modos de ser do homem (*Dasein*) é ser-no-mundo. Com isso, Sartre rejeita, inclusive, contra a tradição filosófica precedente, a compreensão de que exista uma "substância" ou "interioridade" no ser.

Se afirmamos ser a consciência um absoluto vazio, não-substancial, seu movimento transcendente de intencionar as coisas pressupõe um outro ser que não seja si mesma. Diferente da epistemologia kantiana, segundo a qual só temos acesso ao fenômeno (aquilo que aparece), uma vez que o númeno (coisa em si) é incognoscível, Sartre, apoiado na fenomenologia, assevera que tudo aquilo que aparece à consciência é também o próprio ser em si mesmo.

Segundo Sartre, "o ser é, o ser é em si, o ser é o que ele é" (SARTRE, 2005, p. 40). No Em-si não há distância entre ele e ele mesmo, ele é o que é, acabado, hermético, rígido na sua identidade, pura positividade, pleno em si mesmo (cf. SARTRE, 2005, p. 122). Trata-se do mundo empírico e seus corpos e objetos sensoriais:

"O ser-Em-si não possui um dentro que se oponha a um fora e seja análogo a um juízo, uma lei, uma consciência de si. O Em-si não tem segredo: é maciço. Em certo sentido, podemos designá-lo como síntese. Mas a mais indissolúvel de todas: síntese de si consigo mesmo. Resulta, evidentemente, que o ser está isolado em seu ser e não mantém relação alguma com o que não é." (SARTRE, 2005, p. 39)

A consciência, como já introduzido, é radicalmente oposta ao ser em-si que é substancial. Por ser intencionalidade, sua determinação é a não-identidade uma vez que o Para-si carece de seu si, que está fora de si mesmo. Sua ausência o projeta para fora em busca de ser preenchido, tal qual a realidade humana é uma transcendência rumo ao seu ser. Logo, para Sartre, "a Fenomenologia justamente mostrou que a consciência não assimila o objeto, pelo contrário, ela sai de si para ir ao centro do objeto, ela se transcende para encontrar o objeto transcendente" (SILVA, 2000, p. 169).

Se o Em-si é positividade porque é o que é na sua existência, o Para-si é pura negatividade uma vez que na atividade de intencionar, "não é o que é e é o que não é" (SARTRE, 2005, p. 128). Nossa consciência descobre o mundo negando-o, isto é, "se o Em-si é o ser, então o Para-si, sendo fundamentalmente outro que não o Em-si, só pode ser nada" (BORNHEIM, 2003, p. 32). Logo, o nada é a possibilidade do ser (cf. SARTRE, 2005, p.

128), é a falta de ser que se lança como um tornar-se ser mediante aquele projeto que configure a si mesmo e lhe dê sentido.

Destarte, o modo ontológico Para-si refere-se ao movimento (de) para fora. A consciência é perenemente um fluir para além de si, uma fuga para outrem. Noutros termos, o si da consciência não está nela mesma, mas sempre fora de si. Assim sendo, o Para-si é uma falta de si em direção ao em-si. Essa falta, contudo "é identificada em seu ser, não só como vazio, mas também como atitude de negação em relação a si e em relação ao em-si" (SASS, 2011, p. 72).

Constatamos, portanto, que a consciência é um movimento em direção ao si configurado pelo repouso permanente. Assim sendo, a realidade humana é essa falta do para-si que transcende na busca do si mesmo, consistindo-se no "si-como ser-Em-si faltando" (SARTRE, 2005, p. 139). Essa reflexão nos insere nos aspectos da liberdade contingente e situada, bem como no valor.

### **3. O para-si, a liberdade e o valor**

É sabida a incompletude do para-si em relação à completude do em-si. A lógica dessa reflexão nos impõe a pergunta sobre o ser do "si". Para Sartre, o ser do si é o que ele chama de valor. Onde o valor do valor é não ter ser. Ora, se o valor existisse passivamente como um em-si ele não poderia ser alterado. E como veremos, o valor só pode ser entendido através da falta que se lança na tarefa criativa de constituir a realidade humana, aberta e em transcendência. Nas palavras de Sartre, ele "é o faltado de todas as faltas, não o faltante. O valor é o si na medida em que impregna no âmago do Para-si como aquilo para qual o Para-si é" (SARTRE, 2005, p. 144) sendo, pois, a força-motriz da transcendência, no sentido que o ser do valor é a falta que o faz ser transcendido, seu fundamento é a ausência de ser. Nada pode emergir o valor senão a liberdade de fazê-lo ser, uma vez que o homem como falta se torna um criador do "ser daquilo que não tem ser" (SARTRE, 2005, p. 144).

A noção de liberdade é nuclear no arcabouço sartriano. Para o nosso filósofo o homem não possui liberdade, já que isso sugere essencialidade, identidade, mas, o homem - Para-si - é<sup>1</sup> pura liberdade. Ela, a liberdade, não é um atributo, uma essência originária, mas uma condição ontológica inegável. A realidade humana é antes um realizar-se do que uma essência prévia, um nada em processo de ser que pode se escolher tudo menos deixar de ser livre e de escolher algo.

Queremos definir o ser do homem na medida em que condiciona a aparição do nada, ser que nos apareceu como liberdade. Assim,

---

<sup>1</sup> Aqui, o "é", usado como um verbo transitivo, expressa o sentido de "existir". O Para-si é (existe) como liberdade, agindo livremente, diferente do Em-si em que o "é" denota uma definição, um fechamento sobre si, uma essência.

condição exigida para a realização do nada, a liberdade não é uma propriedade que pertença entre outras coisas à essência do ser humano. Por outro lado, já sublinhamos que a relação entre existência e essência não é igual no homem e nas coisas do mundo. A liberdade humana precede a essência do homem e torna-a possível: a essência do ser humano acha-se suspensa na liberdade. Logo, aquilo que achamos liberdade não pode se diferenciar do ser da "realidade humana". O homem não é primeiro para ser livre depois: não há diferença entre o ser do homem e ser "ser-livre". Portanto, não se trata aqui de abordar de frente questão que só pode ser tratada exaustivamente à luz de rigorosa elucidação do ser humano; precisamos focar a liberdade em conexão com o problema do nada e na medida em que condiciona a aparição deste. (SARTRE, 2005, p. 68).

Sem Deus ou uma natureza determinada em estatutos anteriores ou superiores às suas decisões, a realidade humana é um fazer-se a partir do nada e a existência, por conseguinte, uma ação desamparada de qualquer força exterior ao próprio agir do sujeito. O nada e a liberdade integram a constituição humana. Isto é, a realidade humana, inicialmente nada, é livre, não porque quer ser livre, mas sim porque ela mesma é liberdade. De outra forma, o homem não pode recorrer a nada que o fundamente além da própria liberdade frente à responsabilidade de suas escolhas. E toda decisão, escolha, é uma ação de transformação.

A liberdade, para Sartre, não diz respeito a uma disposição interior que orienta para o bem ou para o mal, por exemplo, nem tampouco como uma dádiva oferecida por alguém (Deus) à realidade humana. Essa liberdade não é subjetiva como uma realidade interior substancial, mas a escolha objetiva entre os possíveis dispostos à sua invenção.

A realidade-humana é livre porque não é o bastante, porque está perpetuamente desprendida de si mesmo, e porque aquilo que foi está separado por um nada daquilo que é e daquilo que será. (...) O homem é livre porque não é si mesmo, mas presença a si. O ser que é o que é não poderia ser livre. A liberdade é precisamente o nada que é tendo sido no âmago do homem e obriga a realidade-humana, ser é escolher-se: nada vem de fora, ou tampouco, de dentro, que ele possa receber ou aceitar. Está inteiramente abandonada, sem qualquer ajuda de nenhuma espécie, à insustentável necessidade de fazer-se ser até o mínimo detalhe. (SARTRE, 2005, p. 545)

Nessa mesma perspectiva, o valor não é oferecido por outrem externo, ou como uma realidade em si que deve ser interiorizada. O valor, como apontado, nasce do próprio para-si faltante que na liberdade cria e experimenta o valor, ele "é o ser que há de ser enquanto fundamento de seu nada de ser" (SARTRE, 2005, p. 144).

Sendo assim, Sartre alega que “a liberdade é o único fundamento dos valores e nada, absolutamente nada, justifica minha adoção desta ou daquela escala de valores” (SARTRE, 2005, p. 82). Órfão de qualquer orientação transcendental *a priori*, heterônoma, que legitime valores, é pela liberdade, e os atos de escolhas imanentes que dela decorrem, que o homem estabelece sua conduta ética. Pois bem, não há um catálogo de valores, de virtudes, para serem consultadas a fim de se discernir a decisão. O que existe é a liberdade absoluta do homem artífice de sua própria criação.

Reiteramos, os valores são criados, pois, eles só existem no âmbito da realidade humana que igualmente é uma invenção do próprio homem. Afinal, ex-istir é criar a si mesmo, bem como o seu agir à medida que se significa, ressignifica ou, se quiser, valoriza, revaloriza, o mundo. Só transcendendo a facticidade, o fato aí, o homem afirma a sua própria liberdade como projeto, como valor, constitutivo de si mesmo. Ora, Sartre é alheio a qualquer determinismo moral ou substancialização da consciência. De outro modo, ele afirma a espontaneidade da criação do homem de toda realidade existente, inclusive, os valores.

Por vezes, se entendeu, na filosofia, que a liberdade seria o livre-arbítrio entre duas ou mais possibilidades já previamente determinadas, atitude guiada por critérios por via dos quais o sujeito discerniria, entre os caminhos oferecidos, qual deveria tomar. Mas essa concepção de liberdade preserva o determinismo na medida em que a escolha obedece a normas já estabelecidas e se dá entre possibilidades preestabelecidas. A verdadeira liberdade consiste em inventar a possibilidade, a ação, e o critério pelo qual a adotamos. Não existe uma tabela de valores que cada um pode consultar antes de tomar uma decisão; isso seria a renúncia à liberdade ou a escolha da determinação, uma forma inautêntica de existir, decorrente de quem dentre as opções possíveis, está aquela de agir como se não fosse livre. (SILVA, 2011, p. 122)

Outrossim, a liberdade não coincide com fazer tudo o que se quer de maneira a executar o desejo, os apetites, arbitrariamente e irresponsavelmente. Ao contrário, a liberdade é uma escolha de si, que se dá a partir do projeto do indivíduo. Vê-se, pois, que as escolhas do homem livre não se dão de modo gratuito, a esmo, pois cada ato é uma eleição originária de si e do outro. Afinal, “escolher isso ou aquilo é afirmar ao mesmo tempo o valor do que escolhemos” (SARTRE, 1987, p. 6). Está dito: essa ética da liberdade, como fundamento dos valores, por sua vez, implica a responsabilização de suas escolhas diante de si mesmo e do Outro.

Ao contrário: o valor só pode revelar-se a uma liberdade ativa que o faz existir como valor simplesmente por reconhecê-lo como tal. Daí que a minha liberdade é o único fundamento dos valores e nada, absolutamente nada, justifica minha adoção dessa ou daquela

escalas de valores. Enquanto ser pelo qual os valores existem, sou injustificável. E minha liberdade se angustia por ser o fundamento sem fundamento dos valores. (SARTRE, 2005, p. 82-83).

Os valores, contudo, são oriundos de uma situação concreta. A propósito, a realidade humana como consciência faltante movimenta-se numa perpétua transcendência sob a égide de alguma situação. Aliás, Sartre admite que a liberdade, absoluta em termos ontológicos, está sempre situada na realidade do sujeito, como condições histórico-geográficas, sócio-político-econômicas, condições biofísicas, etc. É necessário considerar, no entanto, que tal consciência não é abstrata, mas concreta. E como tal, essa consciência só pode surgir a partir de uma situação como tal, portanto, de uma consciência singular, individualizada em situação capaz, inclusive, de dar significado, de atribuir valores, às realidades que se confronta.

As escolhas no terreno das situações implicam o engajamento. Ele, o homem, se engaja a fim de conferir sentido a sua própria existência e ao mesmo tempo mudá-la, comprometendo-se com a situação. Engajar, aqui, é assumir o seu tempo, os valores de seu tempo, e sobremaneira, a humanidade. Contudo, o homem assume a postura de criação e transform(ação) da realidade histórica particular e geral. O engajamento é dinâmico tal como a própria existência; toda realidade está em mudança relativa à mudança das próprias escolhas do agente individual.

A liberdade em cada circunstância concreta, não pode ter outro fim que procurar a si mesma, se o homem reconheceu, a certa altura, que estabeleceu valores no desamparo, ele não pode querer outra coisa senão a liberdade como fundamento de todos os valores. Isso não significa querê-la abstratamente. Significa, simplesmente, que os atos dos homens de boa-fé têm como última significação a liberdade enquanto tal. (SARTRE, 2010, p. 55)

Desse abandono do homem à sua liberdade, sem um estatuto teleológico da busca pela *eudaimonia* (felicidade/realização), *ergón* (função) da natureza humana, como em Aristóteles, ou a obediência a um imperativo categórico universal, como em Kant, sem saber, pois, como agir previamente, ele se coloca frente à angústia.

Só o homem pode legislar sobre suas escolhas e diante desse desamparo, da vida sempre grávida de possíveis, nasce a angústia, uma "consciência específica da liberdade" (SARTRE, 2005, p. 77). Sem estatutos essencialistas – relativos à natureza – ou transcendentistas – relativos a Deus – pelos quais o homem possa se orientar, ele se encontra diante da angústia como um reconhecimento da possibilidade e até exigência de criar-se. Esse sentimento, por assim dizer, não é pessimista, tão pouco sugere

passividade do sujeito, ao contrário, daí se entende o otimismo ativo existencialista: a criação de si mesmo por seus próprios atos.

A não assunção da liberdade e da responsabilidade inerente a ela é um ato de má-fé, conforme chama Sartre. O homem pode querer eximir-se da responsabilidade frente a sua liberdade, desamparo e angústia, ou ainda se compreender como ser acabado, pleno, agindo assim de má-fé. Outra postura de dissimulação da condição ontológica da realidade humana, ou seja, da liberdade, é o espírito de seriedade. Esse espírito corresponde aos valores transcendentais e formais, noutros termos, a uma moral independente do próprio agente moral, transferindo a outro o que só pode ser seu. Em ambos os casos trata-se de uma tentativa de o homem, através de desculpas e ídolos, negligenciar a liberdade, e, por conseguinte, a criação autônoma de si mesmo, fazendo-se inautêntico.

Enfatizamos ainda o caráter de responsabilidade das escolhas do homem. Sendo a ação unicamente do sujeito que age, só ele pode ser responsabilizado por esses mesmos atos. Tudo o que o homem realiza é sua propriedade, entretanto, ainda que solitário na escolha ele não age separado do mundo e do outro. Afinal, ele está sempre em situação. Isso coloca o homem diante de si e de todos os outros. O homem ao escolher-se, escolhe também toda a humanidade. Um aceno ao reconhecimento ético e a fraternidade. Como diz Sartre:

Nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela envolve a humanidade como um todo. Se eu sou um operário e escolho aderir a um sindicato cristão em vez de ser comunista, se, por esta adesão, eu quero indicar que a resignificação é, no fundo, a solução que convém ao homem, e que o reino do homem não se dá nesta terra, eu não estou decidindo apenas no meu caso particular: eu quero resignar-me por todos, conseqüentemente, minha escolha envolve a humanidade inteira. E se eu quero algo mais individual, casar-me, ter filhos, embora este casamento dependa unicamente de minha situação, ou de minha paixão, ou de meu desejo, com isso eu estou envolvendo não apenas a mim mesmo, mas a toda a humanidade na prática da monogamia. Assim, sou responsável por mim e por todos e crio uma determinada imagem de homem que escolho ser; ao escolher a mim, estou escolhendo o homem. (SARTRE, 2010, p. 29)

É curiosa a aproximação entre Sartre e Kant. O primeiro autor defende que toda escolha moral, ainda que solitária, é uma escolha de todos os homens. O que se escolhe é um modelo do valor. Segundo Sartre: "nada pode ser bom para nós sem que o seja para todos" (SARTRE, 2010, p. 7). Em Kant o critério moral é o dever ao imperativo categórico, segundo o qual deve-se agir de modo que sua ação possa ser universal. Todavia, para Sartre, toda escolha é em situação e não um dever ser universal *a priori* como em Kant. Sartre não admite também o Eu transcendental formal ou

um Eu habitante da consciência, como em Kant e Husserl cada qual a seu modo.

#### 4. Cartografia dos modos de ser da ética

Ao longo da tradição filosófica personalidades que formaram a fisionomia da nossa civilização ofereceram um mapa para a pergunta ética por excelência “como devemos agir?”.

Em Aristóteles, o homem deve agir segundo o ser *ergón* (função). Pela razão prática, a *phronesis* (prudência) orienta a escolha deliberada justa em vista da *eudaimonia* (felicidade), seu bem e finalidade última. Entende-se por eudaimonia a “atividade da alma segundo a virtude perfeita”. E a virtude, por sua vez, é a excelência do agir em direção ao bem, alcançada pela mediania entre dois excessos. Assim, o flautista virtuoso é que executa bem a arte da música, o justo é aquele que pratica com exatidão a justiça. A virtude do homem, ou seja, sua excelência é a ação moderada pela razão. Logo, uma ética teleológica.

Para Thomas Hobbes, pela hipótese do estado de natureza o homem age segundo as suas paixões e seu direito de natureza; feito o trânsito, através das leis da natureza, para o Estado Civil, o homem deve agir submisso à vontade de seu soberano, obediente, portanto, as leis outorgadas por ele, donde se alcança a paz. Consideramos o caráter utilitarista da ética de Thomas Hobbes. Quer seja no estado de natureza, quer seja na sociedade civil, sua ação é orientada pelo cálculo utilitário tendo como fim a satisfação pessoal.

Já Kant responde à pergunta ética com o dever ao imperativo categórico, garantia da liberdade da vontade feita vontade boa. A ética de Kant é deontológica, referente ao respeito ao dever. Não se trata de um conjunto de conteúdos fixos, um catálogo de mandamentos, mas de uma forma imperativa onde a moral, a boa vontade, ordena uma lei apodítica que é fazer da vontade subjetiva uma lei objetiva. Se assim não o puder ser feita, essa vontade não é boa, mas uma vontade pessoal interessada. A ética em Sartre se dá no campo da subjetividade e intersubjetividade, liberdades encarnadas, e não nos limites de uma finalidade como em Aristóteles, de uma utilidade em vias da satisfação como em Hobbes ou de uma metafísica e formalismo do dever como propõe Kant.

À vista disso, Sartre interdita os paradigmas precedentes – teleológico, utilitarista e deontológico – oferecendo com o existencialismo não um modelo original que responda a aporia do agir humano, mas uma reflexão onto-ética que dispõe a cada pessoa responder individualmente à pergunta sobre seu agir, onde toda escolha, executada na tragédia e esperança da vida, é legítima.

O pensamento sartriano revoltado com as determinações, sejam de que ordem forem, antidogmático a qualquer prescrição de uma ética objetiva, pronta, acabada, hermética, e heterodoxo à tradição filosófica essencialista, finalista, abstrata e formalista, sustenta que a vida deve ter algum sentido, algum projeto, um valor que ultrapasse a fronteira do desespero e da angústia da inexorável contingência e gratuidade do existir.

## **5. Considerações Finais**

Com base na discussão apresentada, seria uma contradição considerar na filosofia da existência uma essência para a realidade humana, tampouco para o seu agir ético. Ou se se quiser, seria uma incoerência convocar para a filosofia da liberdade, sem essência prévia, e por isso pode lançar-se a todas as possibilidades, uma presidência exterior ao próprio sujeito de todos os predicados. Recusando qualquer forma de determinismo Sartre filosofa sobre uma existência totalmente contingente, solitária, uma gratuidade, sem nenhum sentido ou justificativa precedente ao próprio agir daquele que existe. Se assim o fosse a liberdade deixaria de ser absoluta em termos ontológicos para estar condicionada às determinações apriorísticas.

Persuadidos com Sartre que a natureza humana é uma autoconstituição na existência, despida de qualquer valor que não seja a intencionalidade criativa que ele mesmo efetua, toda tentativa de erigir um edifício moral estabelecido é inviabilizada. Não há em Sartre valores ou normas morais objetivas. Destarte, “o valor é a falta em relação à qual o Para-si determina a si mesmo em seu ser como falta”. O homem existe lançando-se para fora diante da sua liberdade confundida com a sua própria existência e das escolhas que ela o obriga, levando-o a afirmação de um humanismo da responsabilidade e autenticidade.

Nesse agir, oriundo da falta ontológica, nasce toda ação que se entende por valor. A cada ação-decisão do homem institui-se um valor e nada pode impedi-lo de fazer senão ele mesmo, ou se quiser, a sua liberdade. O valor, por conseguinte, está na interseção entre o nada que constitui o para-si e a realidade em-si do mundo. Tais atos-valor não são criações irresponsáveis e individualistas, por assim dizer, mas ao contrário, estão comprometidos com o outro e engajados no mundo porque cada ato é do indivíduo situado e só ele pode responder por suas ações; todavia, todo ato singular está em situação com os outros e o mundo.

Interpretamos em Sartre, que para haver ética é preciso que o homem aja e assim estabeleça os seus próprios valores como escolhas de um projeto em situação e em responsabilidade com o outro e o mundo. Em situação, obrigados a escolha que lhe imponha sua liberdade inalienável, cada indivíduo deve responder à sua própria vida seus projetos e valores. Nessa

esteira, a psicanálise existencial<sup>2</sup> pretende garantir ao homem o exercício de sua total liberdade e responsabilidade a partir de seu projeto situado e engajado na história. O que se propõe é olhar destemida e esperançosamente nos olhos da vida para assumir nela mesma aquela ação-projeto-valor livre que dê sentido a facticidade e espontaneidade humana.

Esse trabalho não assume a postura dos nostálgicos que aureolam Sartre e sua filosofia refratários às fragilidades, ambiguidades e insuficiências dos termos éticos do pensador em questão. Todavia, advogamos a favor do labor filosófico do nosso autor. Ainda que consideremos suas limitações e que ele não tenha escrito uma obra dedicada a moral, embora a tenha anunciado, toda a sua filosofia é de caráter eminentemente ético, a partir de sua ontologia fenomenológica.

Sartre oferece sim uma cartografia, pois um mapa pode ser a representação de todas as feições e, por extensão, de todos os caminhos – em uma dada porção de terra, a da concretude da existência onde se circunscribe a liberdade da existência ou a existência enquanto liberdade. Contudo, o postulado de Sartre é um mapa onde todas as vias e estradas estão coordenadas sem uma ordem de importância pré-definida. Não há via principal ou secundária. Na filosofia da existência e liberdade, todos os caminhos são igualmente percorriáveis por seus veículos: pessoas, autônomas, junto aos seus passageiros, igualmente autônomos, numa viagem onde eles mesmos fazem o itinerário.

Em suma, a cartografia que oferecemos nos conduz a um filósofo vocacionado às realidades concretas da vida e da realidade humana. Realista com a existência em seus processos de ser, otimista com os possíveis dessa mesma existência e pessimista com a condição humana legada a “paixão inútil”, Sartre não oferece um mapeamento objetivo do agir moral, mas um mapeamento originário e criativo que torna todos os caminhos possíveis dentro dos aspectos da responsabilidade e autenticidade existencial, favorecendo, pois, a emancipação total de cada homem em vista de seu desejo de ser, de sua jamais completada, realização.

---

<sup>2</sup> Sartre denomina de Psicanálise Existencial um método que pretende “elucidar com uma forma rigorosamente objetiva a escolha subjetiva pela qual cada pessoa se faz pessoa, ou seja, faz-se anunciar a si mesmo aquilo que ela é.” (SARTRE, 2005, p. 702)

## 6. Bibliografia

### 6.1 Bibliografia do autor (por ordem de relevância para a pesquisa)

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada*: ensaio de ontologia fenomenológica. 13ª ed. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997 / 2005. 782 p.

\_\_\_\_\_. *Entre quatro paredes*. Tradução de Guilherme de Almeida. São Paulo: Abril Cultural, 1977. (Teatro Vivo).

\_\_\_\_\_. *Questão de método*. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Editora Vozes, 1997. 148 p.

\_\_\_\_\_. *O existencialismo é um humanismo; A imaginação; Questão de método*. 3ªed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. 191 p. (Os Pensadores)

\_\_\_\_\_. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e existencialismo*. Tradução de Luiz Serrano Pinto. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1966. 105 p. (Biblioteca Tempo Universitário, 3).

\_\_\_\_\_. *A náusea*. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1938. 259 p.

\_\_\_\_\_. *Crítica da razão dialética*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 900 p.

\_\_\_\_\_. *O Muro*. Tradução de H. Alcântara. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. 209 p. (Biblioteca de Leitor Moderno,11).

\_\_\_\_\_. *O imaginário: Psicologia fenomenológica da imaginação*. Tradução de Duda Machado. São Paulo: Ática, 1996. 254 p. (Temas, 46 Filosofia e Psicologia).

\_\_\_\_\_. *A transcendência do ego: seguido de consciência de si e conhecimento de si*. Tradução de Pedro M. S. Alves. Lisboa: Colibri, 1994. 131 p. (Universalia).

\_\_\_\_\_. *Sursis*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

### 6.2 Bibliografia secundária

BORNHEIM, Gerd a. *Sartre: metafísica e existencialismo*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1984/2000. 315 p. (Debates).

JEANSON, Francis. *Sartre, par lui-même*. Paris: Editions du Seuil, 1959. 191 p. (Ecrivains de Toujours, 29).

\_\_\_\_\_. *De Gide a Sartre*. Tradução de Lía M. Andrada. Buenos Aires, Ed. Paidós, s/d.

LEFEBVRE, Henri. *El existencialismo*. Tradução de Ana Ostrovky. Buenos Aires, Ed. Lautaro, 1948.

MARCEL, Gabriel. *The Philosophy of existentialism*. Tradução de Manya Harari. New York: The Citadel Press, 1956. 128 p.

ROZA, Garcia. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996. 236 p.

PERDIGÃO, Paulo. *Existência & liberdade: uma introdução a filosofia de Sartre*. Porto Alegre: L&PM, 1995. 294 p.

SASS, Simeão. *O Problema da totalidade na ontologia de Jean-Paul Sartre*. Uberlândia. EDUFU, 2011. 241 p.

SILVA, Franklin Leopoldo e. *Ética e literatura em Sartre: ensaios introdutórios*. São Paulo: UNESP, 2004. 264 p.

\_\_\_\_\_. *O conhecimento de si*. Rio de Janeiro/São Paulo: Casa da Palavra/Casa do Saber, 2011. 152 p.

\_\_\_\_\_. A Transcendência do ego: subjetividade e narrabilidade em Sartre. *Síntese: Revista de Filosofia*, Belo Horizonte, v. 27, n. 88, pp. 165-182, 2000. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/742/1175>. Acesso em 07 jun. 2018.

### **6.3 Bibliografia complementar**

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômano; Poética*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornhein. 4ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. 281p. (Os Pensadores, 2)

DESCARTES, René. *Discurso do método; As paixões da alma*. Tradução de tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 4ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. 154 p.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 1989/2001. 2. [s.p.]. (Pensamento Humano).

HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Parte I. Tradução de Paulo Menezes. Petrópolis: Vozes, 1992. 222 p.

\_\_\_\_\_. *Fenomenologia do Espírito*. Parte II. Tradução de Paulo Menezes. Petrópolis: Vozes, 1992.

HOBBS, Thomas. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Abril Cultura, 3ª ed., 1983. 419p. (Os Pensadores.)

HUSSERL, Edmund. *Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia*. Tradução de Frank de Oliveira. São Paulo: Madras, 2001. 173 p.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Tradução de Paulo Quintela. São Paulo: Abril Cultural, 1974. p. 256 (Os Pensadores)